



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL – UFFS

CAMPUS CHAPECÓ

CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

CLÁUDIA TEREZINHA CARASEK

IMAGINAÇÃO E CRIAÇÃO NA EDUCAÇÃO DA INFÂNCIA:

**UM OLHAR A PARTIR DA PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL DE
DESENVOLVIMENTO HUMANO**

CHAPECÓ

2019

CLÁUDIA TEREZINHA CARASEK

**IMAGINAÇÃO E CRIAÇÃO NA EDUCAÇÃO DA INFÂNCIA:
UM OLHAR A PARTIR DA PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL DE
DESENVOLVIMENTO HUMANO**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação
apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da
Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como
requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado
em Pedagogia

Orientadora: Prof. Dr. Solange Maria Alves

CHAPECÓ

2019

CLÁUDIA TEREZINHA CARASEK

**IMAGINAÇÃO E CRIAÇÃO NA EDUCAÇÃO DA INFÂNCIA:
UM OLHAR A PARTIR DA PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL DE
DESENVOLVIMENTO HUMANO**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Este trabalho de conclusão de curso foi definido e aprovado pela banca em: 02/07/19

BANCA EXAMINADORA



Profa. Orientadora



Avaliador/a



Avaliador/a

IMAGINAÇÃO E CRIAÇÃO NA EDUCAÇÃO DA INFÂNCIA: UM OLHAR A PARTIR DA PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL DE DESENVOLVIMENTO HUMANO

Cláudia Terezinha Carasek¹

Solange Maria Alves²

RESUMO: O texto em tela é resultado de estudos e aprofundamentos realizados em torno do tema da arte, imaginação e criação na infância nas bases da teoria histórico-cultural de desenvolvimento humano, orientado, portanto, pelo objetivo de compreender, no escopo dessa teoria, os processos imaginários e criativos da criança nos anos iniciais da educação escolar. Em termos metodológicos, este trabalho se efetivou por meio de pesquisa bibliográfica e de acordo com a estratégia da revisão integrativa, perseguindo elementos de diálogo nas obras: *A Imaginação e a arte na infância*, *Psicologia pedagógica* e *Formação Social da Mente* de Lev Vigotski. E, dentro dos parâmetros da temática e da base teórica, apoiou-se fundamentalmente nos estudos Angel Pino, Andrea Zanella, Adriana Maria Caram, Newton Duarte, Mariana de Cássia Assumpção e Lívia Pozza. As seguintes questões orientaram as análises: A partir de que momento a criança analisa o mundo ao seu redor, o interpreta, expressa e cria? Como a escola, enquanto principal meio de acesso aos conhecimentos organizados, pode contribuir para o desenvolvimento do imaginário criativo da criança, fazendo disso ferramenta de desenvolvimento humano? A partir destes questionamentos e análise das obras, buscou-se extrair as possíveis contribuições para o desenvolvimento humano, em especial as crianças nos anos iniciais da educação escolar.

PALAVRAS-CHAVES: Imaginação e criação em Vigotsky. Desenvolvimento humano e educação. Imaginário criativo e educação escolar.

¹ Acadêmica do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS/Campus Chapecó.
Contato: claudia_carasek@gmail.com

² Professora Orientadora.

IMAGINACIÓN Y CREACIÓN EN LA EDUCACIÓN DE LA INFANCIA: UNA MIRADA A PARTIR DE LA PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL DE DESARROLLO HUMANO

RESUMEN: El texto en pantalla es el resultado de estudios y profundizaciones realizados sobre el tema del arte, imaginación y creación en la infancia, en las bases de la teoría histórico-cultural de desarrollo humano orientado, por lo tanto, por el objetivo de comprender, en el alcance de esta teoría, los procesos imaginarios y creativos del niño en los años iniciales de la educación escolar. En términos metodológicos, este trabajo se efectuó por medio de investigación bibliográfica y de acuerdo con la estrategia de la revisión integrativa, persiguiendo elementos de diálogo en las obras: *Imaginación y arte en la infancia*, *Psicología pedagógica* y *Formación Social de la Mente de Lev Vigotski*. Y, dentro de los parámetros de la temática y de la base teórica, se apoyó fundamentalmente en los estudios de Angel Pino, Andrea Zanella, Adriana Maria Caram, Newton Duarte, Mariana de Cássia Assumpção y Livia Pozza. Las siguientes cuestiones orientaron los análisis: ¿A partir de qué momento el niño analiza el mundo a su alrededor, lo interpreta, expresa y crea? ¿Cómo la escuela, como principal medio de acceso a los conocimientos organizados, puede contribuir al desarrollo del imaginario creativo del niño, haciendo de esto herramienta de desarrollo humano? Partiendo de estos cuestionamientos y análisis de las obras, se buscó extraer las posibles contribuciones para el desarrollo humano, en especial a los niños en los años iniciales de la educación escolar.

PALABRAS CLAVES: Imaginación y creación en Vigotsky. Desarrollo humano y educación. Imaginario creativo y educación escolar.

IMAGINATION AND CREATION IN CHILDHOOD EDUCATION: A LOOK FROM THE HISTORICAL-CULTURAL PERSPECTIVE OF HUMAN DEVELOPMENT

ABSTRACT: The text in the screen is the result of deep studies made by the subject of art, imagination and creation in childhood in bases on Theory Cultural-Historical of human developing, oriented, therefore, by the objective of understanding, in the scope of this theory, the imaginary and creative processes of a child in their first-age of education at school.

In methodological terms, this job efectivated itself by the method of bibliographic research and according with the strategy of interactive revision, following the elements of dialog in the works: Imagination and art in childhood, pedagogic psicology and social formation of mind of Lev Vygotsky. Also, inside the parameters of the tematics and theoretic basis, supported undoubtedly in the studies of Angel Pino, Andrea Zanella, Adriana Mria Caram, Newton Duarte, Mariana de Cássia Assumpção e Lívia Pozza. The following questions oriented the analisys: From which moment that child analyses the world arround, interprets, expresses and creates? Like school, while the main access of the organized knowledges, can contribute for the developing of the imaginary creative of the child, making this a tool of human developing? From these questionings, and the analisys of the works, it was sought to extract the possible contributions for the human developing, in special for the children in the first-age of school education.

KEYWORDS: Imagination and creation in Vygotsky. Human Developing and education. Creative imaginary and school education.

INTRODUÇÃO: A GÊNESE DO OBJETO E O CAMINHO DE APREENSÃO E ANÁLISE

Durante toda minha trajetória acadêmica no curso de Pedagogia, ao longo de quase cinco anos na Universidade Federal da Fronteira Sul/campus Chapecó, em conjunto com leituras e constantes reflexões acerca do desenvolvimento da criança e de práticas que contribuam para tal, despertou-me a curiosidade de compreender melhor como os fazeres pedagógicos artísticos que envolvem a arte, imaginação e criação poderiam contribuir de maneira significativa às práticas escolares, para que de fato possa-se utilizar deste instrumento como um impulsionador do desenvolvimento das funções psíquicas superiores da criança.

O período de realização de estágio supervisionado na educação infantil, foi o maior propulsor pelo interesse na temática, onde observei que as crianças em fase inicial de escolarização têm um grande apreço por expressar-se a partir da arte, preferencialmente utilizando elementos de seu cotidiano, objetos de casa, animais, familiares, incluindo também elementos da imaginação, como objetos imaginários ou personagens de televisão. As observações feitas durante este processo, explicitaram um ensino artístico como algo fragmentado, separado do conjunto de outros conhecimentos trabalhados na escola, desarticulado entre as professoras da turma, na maioria das vezes, como mera repetição de atividades previamente prontas ou ordenadas pela professora regente.

A partir de algumas reflexões observadas durante o Estágio Supervisionado de Educação Infantil, iniciei um processo de problematização que desencadeou o movimento de estudos que aqui apresento, mediado por questões como: a partir de que momento a criança analisa o mundo ao seu redor, o interpreta, expressa e cria? Como a escola, enquanto principal meio de acesso aos conhecimentos organizados, pode contribuir para o desenvolvimento do imaginário criativo da criança, fazendo disso ferramenta de desenvolvimento humano? Qual o lugar da arte na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental? Qual a importância do desenvolvimento da imaginação e criação para o desenvolvimento da criança em idade escolar? Que relações se podem estabelecer entre arte, imaginação, criação e educação escolar?

Tendo essas problematizações como referência, iniciamos uma caminhada de aprofundamento de estudos sobre o tema “Imaginário Criativo” com base na teoria histórico-cultural de desenvolvimento humano, adentrando nas reflexões de Lev Vigotski, a partir dos autores/pesquisadores da Teoria Histórico Cultural: Angel Pino (2006), Andrea Zanella (2006), Adriana Maria Caram (2015) Newton Duarte (2008; 2014), Mariana de Cássia

Assumpção (2014; 2016) e Livia Pozza (2018). Tais leituras contribuíram sobremaneira para a tomada de consciência acerca da complexidade do tema e, sobretudo, para superar a visão ingênua que, em geral, perpassa as concepções sobre criação, imaginação e arte como capacidades ou habilidades inatas que, a grosso modo, tem contribuído para reduzir a compreensão do papel da arte na educação de crianças e mesmo o seu lugar na escola que, via de regra, tem se limitado a um componente curricular isolado com práticas que em nada ou muito pouco se ocupam das dimensões estéticas, imaginativas e criativas como elementos fundamentais do desenvolvimento do gênero humano em cada indivíduo.

Em termos metodológicos, frente aos desafios que se colocam para a pesquisa em torno do tema e do problema que nos mobiliza, nos parâmetros deste artigo e, em face da complexidade da temática e de esse ser ainda um momento de iniciação da autora na teoria histórico-cultural, este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico cuja ferramenta de análise do tema nas obras escolhidas é a Revisão Integrativa. De acordo Souza, Silva e Carvalho (2010) a revisão integrativa é um método que proporciona a síntese de conhecimento e a incorporação da aplicabilidade de resultados de estudos significativos na prática, é a mais ampla abordagem metodológica referente às revisões, permitindo a inclusão de estudos experimentais e não-experimentais para uma compreensão completa do fenômeno analisado.

Nestes termos, a revisão integrativa apresentada, se efetivou mediante algumas categorias que nos ajudaram na organização da leitura e da análise do tema. São elas: Arte, Imaginação e criação na perspectiva histórico-cultural, Imaginação e criação e o papel da Escola, Educação escolar e desenvolvimento da imaginação e criação na infância.

Nos limites desse estudo, a rigorosidade metódica, o compromisso com o pensamento vigotskiano e seus fundamentos teóricos e filosóficos, a contribuição para apreender, compreender e pensar o tema da imaginação, criação e arte, constituem os critérios que pautaram a definição de autores estudiosos da obra de Vigotski e que, aqui, compõem o conjunto de textos que dão suporte ao nosso trabalho.

Assim, a reflexão aqui apresentada não está pautada em coleta empírica, mas, em estudos focados nas obras de Vigotski que discutem o tema da imaginação e criação e nos autores apresentados acima, para sustentar uma compreensão crítica e criadora do tema-problema, em vista de construir um forte alicerce teórico-metodológico para a continuidade de pesquisas e estudos sobre o mesmo. Sob esta orientação, o texto está organizado em três partes: A primeira ocupa-se sobre a teoria histórico-cultural de desenvolvimento humano, a

segunda parte sobre arte, imaginação e criação na perspectiva histórico-cultural e a terceira parte falando da arte, imaginação e criação na educação escolar da infância.

1. A TEORIA HISTÓRICO- CULTURAL DE DESENVOLVIMENTO HUMANO

Para compreendermos melhor a Teoria Histórico Cultural de Vigotsky, faz-se necessário conhecer sua trajetória enquanto profundo estudioso no campo da psicologia da educação, que trata a arte como um fator de extrema importância para o desenvolvimento humano enquanto ser sociocultural.

Lev Semyonovich Vygotsky nasceu no ano de 1896, na Rússia. Formado em direito e medicina, escreveu diversas obras nas áreas da psicologia, pedagogia, filosofia, literatura, deficiência física e mental, tendo como base teórica o materialismo histórico-dialético. Em *Formação Social da Mente*, Vigotski vai falar sobre a importância do método:

Estudar alguma coisa historicamente significa estudá-la no processo de mudança; esse é o requisito básico do método dialético. Numa pesquisa, abranger o processo de desenvolvimento de uma determinada coisa em todas as suas fases de mudanças – do nascimento à morte – significa, fundamentalmente, descobrir sua natureza, sua essência, uma vez que “é somente em movimento que um corpo mostra que é”. Assim, o estudo histórico do comportamento não é um aspecto auxiliar do estudo teórico, mas sim sua verdadeira base. (VIGOTSKI, 1991, p.43)

Vigotski era um pesquisador da compreensão do papel da cultura e das relações sociais no desenvolvimento de processos psicológicos tipicamente humanos, afirma Assumpção (2014) em *As Relações Entre Arte e Vida em Lukács e Vigotski*, que Vigotski utilizava de tal método, pois “para o materialismo histórico-dialético, o desenvolvimento histórico do gênero humano tem por base a atividade de produção das condições materiais de existência da vida social. ” (ASSUMPCÃO 2014, p.42). Tais produções, instrumentos (ferramentas), signos (linguagem, símbolos, desenhos, etc.) realizam mediação entre o ser humano e o mundo ao seu redor, transformando o homem e a natureza ao mesmo tempo e produzindo cultura. Conforme afirma Vigotski em *Formação social da mente*:

A diferença mais essencial entre signo e instrumento, e a base da divergência real entre as duas linhas, consiste nas diferentes maneiras com que eles orientam o comportamento humano. A função do instrumento é servir como um condutor da influência humana sobre o objeto da atividade; ele é orientado externamente; deve necessariamente levar as mudanças nos objetos. Constitui um meio pelo qual a atividade humana externa é dirigida para o controle e domínio da natureza. O signo, por outro lado, não modifica em nada o objeto da operação psicológica. Constitui um

meio da atividade interna dirigido para o controle do próprio indivíduo; o signo é orientado internamente. (VIGOTSKI, 1991, P. 37)

Como se pode verificar nas palavras do autor e corroborando com os autores que nos auxiliam neste estudo, não se pode desvincular a teoria de Vigotski da teoria marxista, pois tal teoria aborda o trabalho como uma atividade planejada e mediada por instrumentos elaborados pelo próprio homem, que são utilizadas para transformar o meio em que vivem.

Sendo sujeitos sociais e históricos, Vigotski (2003) observava que enquanto sujeitos, o que nos diferencia dos animais é a capacidade de não apenas acumularmos experiências passadas de geração para geração, mas de utilizar destas experiências para modificar e aperfeiçoar o meio em que vivemos. Conhecemos algo novo pela simples fala de outrem que demonstram algum tipo de experiência vivida, que chega até nós e por nós é compreendida e internalizada, Vigotski em *Psicologia Pedagógica* explicita isso quando diz que

O animal vai se adaptando passivamente, reage às modificações do ambiente com mudanças em seus órgãos e na estrutura de seu corpo. Modifica-se para se adaptar às condições da existência. Em compensação, o ser humano se adapta de forma ativa a natureza para si mesmo. Em vez de modificar os órgãos, muda os corpos da natureza, de tal modo que eles possam lhe servir de ferramentas. Não reage ao frio deixando crescer um longo pelo defensivo, mas fazendo adaptações ativas no ambiente [a si mesmo], mediante a construção de uma casa ou a confecção de roupa, isto é, mediante a adaptação da natureza a si mesmo. (VIGOTSKI, 2003, p. 62)

O humano produz ferramentas e melhorias no ambiente que vive, sem simplesmente adaptar-se as condições dadas como o animal. Utiliza das suas necessidades, das suas experiências e das experiências de outros para melhorar sua condição de vida. Assim, a vida humana passou e continua passando por constantes evoluções, sempre motivada pelas necessidades e pelas capacidades de transformações que o ser humano possui. É nesse sentido que Assumpção em seu artigo as *Relações entre Arte e Vida em Lukács e Vigotsky* observa que

[...] a produção de instrumentos pode ser considerada uma necessidade crucial, um primeiro passo em direção ao desenvolvimento de uma forma social de vida. Essa capacidade humana de produzir instrumentos para aumentar suas chances de sobrevivência gera a necessidade do ser humano se apropriar dos elementos da natureza e transformá-los para que eles desempenhem uma função na prática humana. Simultaneamente, o ser humano se objetiva nos instrumentos criados por sua atividade transformadora. (ASSUMPCÃO, 2014, p.43)

Sob este prisma, o desenvolvimento do sujeito é resultado de processos sócio-históricos. Ou seja, o meio social (que é por isso histórico) em que o sujeito está, influencia

diretamente no seu processo de desenvolvimento. Esses processos de aprendizado e desenvolvimento iniciam desde que a criança nasce e vai se desenvolvendo conforme o sujeito evolui. Nesta perspectiva, quanto mais experiências o sujeito tiver durante sua vida, um impulsiona o outro, tudo que o sujeito experimenta, vivencia, escuta, vê, sente, etc. contribui diretamente para o seu desenvolvimento. Para Pozza em *Arte e Educação Estética na Obra de L.S. Vigotski: Um estudo teórico em diálogo com autores contemporâneos*, “a vivência da situação é o que irá determinar a influência que o meio exercerá na criança, e não apenas o meio. Desta forma ela irá interpretar e elaborar significados a partir da sua vivência” (POZZA, 2018, p. 80)

A partir da teoria Histórico-Cultural, com influência do meio e dos sujeitos que estão diretamente em contato conosco, reconhecemo-nos como sujeitos ativos e protagonistas de nossa própria história, por isso produtores de cultura. Como afirma Zanella em *Relações estéticas, atividade criadora e imaginação: Sujeitos e (em) experiência* “À luz da pedagogia histórico-cultural, considera-se que se trata de um processo permanente e inexoravelmente social de (re)invenção de si em que um “outro” é fundamento e expressão do próprio eu.” (ZANELLA, 2006, P.34), e que nos possibilita imaginar, criar e modificar o mundo ao nosso redor. Portanto, ao tratar de imaginação e criação, estamos tratando diretamente com desenvolvimento de funções psicológicas superiores de pensamento, fator de extrema importância enquanto requisito para o desenvolvimento humano, elencado a isso, a arte, imaginação e criação irá compreender, uma área fundamental para o desenvolvimento da estética, da ética, do respeito ao próximo, da humanização, do ato criador em si, etc. Compreendê-la a partir da visão Histórico-Cultural de desenvolvimento humano, se torna algo essencial para a compreensão da importância da arte enquanto integrador dos processos de desenvolvimento no ensino escolar e de se pensar em metodologias ativas que desenvolvam o indivíduo a humanidade de todos. Trataremos no próximo tópico, de como ocorrem os processos imaginários e criatórios no sujeito na perspectiva histórico-cultural, o que é necessário para tal.

2 ARTE, IMAGINAÇÃO E CRIAÇÃO NA PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL

Vigotski em seus estudos sobre a arte, imaginação e criação, mediado pelos fundamentos do materialismo histórico-dialético (Marx e Engels), compreende a função da criação enquanto resultados de processos sociais que são internalizados no indivíduo durante

sua vida, este compreende o mundo ao seu redor e consegue analisá-lo criando novos objetos que aprimorem o meio em que vive.

Assim, toda atividade criadora faz parte de um conjunto de produções humanas, ao qual é determinado por um espaço-tempo, sendo incorporado a todas as vivências e experiências socioculturais que o indivíduo presencia ao longo da sua vida, ligado a necessidade de transformação do ambiente que vive, Vigotski afirma em seu livro *Imaginação e a arte na infância*, que “estamos presos a nossa época e ao nosso ambiente, a criação sempre partirá de níveis anteriormente alcançados e apoiará nessas possibilidades dadas.” (VIGOTSKI, 2009, p. 35). De tal maneira, arte não se limita ao simples fazer artístico e estético, mas sim compreende todas as mais diversas formas de criação ao longo da história do mundo, que está em constante transformação, é uma mistura daquilo que vivemos e daquilo queremos, e assim, buscaremos algo novo. Corroborando com isso, Caram em seu estudo *Arte na Educação Infantil e o Desenvolvimento das Funções Psíquicas Superiores* afirma que todas as invenções das quais fazemos uso nos dias de hoje só estão a nossa disposição, porque alguém há tempos imaginou, fantasiou e criou. ” (CARAM, 2015, p.70), como também escreve Assumpção em seu artigo *as Relações Entre Arte e Vida em Lukács e Vigotski*:

É por meio do processo de apropriação-objetivação que o ser humano transforma a natureza e a si próprio, bem como desencadeia o processo histórico de produção de necessidades em escala cada vez mais complexa. Devido ao processo de permanente complexificação das necessidades, a produção da existência humana pode ser dividida em dois tipos. O primeiro deles refere-se à produção material, ou seja, aquela que propicia a subsistência material do homem. O outro, de caráter não material, se expressa na produção de conceitos, ideias, valores e que, por sua vez, são sistematizadas por meio da filosofia e das artes. (ASSUMPÇÃO, 2014, p.44)

Então, podemos compreender o fazer artístico como ponte entre o que conhecemos, compreendemos, imaginamos, e criamos o que necessitamos, utilizando disso como ferramenta para transformar o meio e facilitar nosso modo de viver. Assim, ao considerarmos a arte enquanto cultura, reconhecemos o processo de transformação do ser, que ao ser modificado, também modifica o meio em que vive, por isso cria, dá sentido, compreende, modifica e produz novas formas de trabalho, segundo Pino em *Relações estéticas, atividade criadora e imaginação: Sujeitos e (em) experiência*,

Criar é uma característica distintiva da espécie humana que lhe permite produzir suas condições de existência. Um tal acontecimento, fundamental para os rumos que seguiu a história dessa espécie, faz do homem o único ser vivo capaz de pensar e

construir as próprias condições de existência, o que o transforma em senhor do seu próprio destino. (PINO, 2006, P. 49)

Para entender o processo de criação, imaginação e arte, se faz necessário a compreensão do termo plasticidade, que constitui uma das propriedades fundamentais de toda a criação humana. Plasticidade é uma capacidade tipicamente humana de modificação a partir de influências. Vigotski em *Psicologia Pedagógica* destaca três propriedades básicas da plasticidade: “A capacidade de modificar a disposição das partículas, a conservação das marcas das modificações e a predisposição a repetir as modificações.” (VIGOTSKI, 2003, p. 143). É por meio da plasticidade que conseguimos visualizar em nossa mente algo que conhecemos, que queremos modificar e/ou criar.

Desta maneira, o que a criança usará para sua ação criadora, dependerá de tudo que ela vê, ouve, sente, experimenta, vivencia, descobre, interpreta, associa e internaliza, etc. criando e formando bagagens e estruturas acumulando conhecimentos/estruturas que passa a utilizar e expressar em suas criações, associado ao que Vigotski chama de “dissociação” que é fragmentação das memórias. Em seu livro *Imaginação e a arte na infância* Vigotski vai tratar da dissociação como “[...] algo imprescindível para o jogo da fantasia, pois constitui um processo de extraordinária importância em todo o desenvolvimento mental do homem que serve de base ao pensamento abstrato e compreensão figurada” (VIGOTSKI, 2009, P. 30). A partir do conhecimento apropriado, a criança fragmenta o elemento e o utiliza em sua imaginação da maneira como bem entende, não se limitando a criar, por isso muitos confundem em dizer que a criança tem mais imaginação (mesmo não tendo tantas experiências acumuladas para tal), mas sim porque não há um limite em transformar o objeto dissociado e recriá-lo em algo fora dos padrões. Após a fragmentação dos elementos pela dissociação, “utilizamos da associação, que nada mais é, do que a combinação dos elementos em nossa mente afim de criar algo novo.” (VIGOTSKI, 2009).

Para explicar melhor a atividade imaginária, no livro *Imaginação e a arte na infância* Vigotski aponta quatro atividades fundamentais: A primeira é que “Algo criado sempre terá elementos de uma experiência anterior, não se cria algo do nada. Por isso, a atividade criadora será tão rica, quanto mais rica de experiências o sujeito o for. Compreende-se que pelo fato da criança possuir menos experiências em sua vida, imagine e crie menos. Faz-se tão necessário o papel da escola para ampliar os conhecimentos e experiências das crianças, proporcionando os mais variados tipos de experiências relevantes, afim de aumentar a cada dia mais seu repertório cultural, pois quanto mais vivencia, experimenta, assimila, discute, vê, escuta, maior será seu repertório criativo. A segunda, em que utilizamos das experiências passadas

(elementos) e criamos (imaginamos) imagens novas em nossa mente, não nos limitando a apenas reproduzir a risca algo vivenciado, mas repensamos, imaginamos e recriamos. Somos capazes de imaginar o não visto, através de relatos de experiências alheias. Essa capacidade característica humana é que nos permite criar, imaginar e reproduzir ao longo do tempo algo que não foi vivido por nós, mas que conseguimos materializar. A terceira que nosso estado emocional faz com que imaginamos imagens com sentimentos. É o que os psicólogos chamam de lei da dupla expressão dos sentimentos, onde caracterizamos determinadas cores, imagens, pinturas, a partir do sentimento vivenciados naquele momento. E a quarta é a relação entre fantasia e realidade. As imagens que imaginamos materializando-se, adquirem tanta realidade quanto aos restantes dos objetos do mundo real. ” (VIGOTSKI, 2009)

Para criar, utilizamos de um fator importante: a imaginação, Pino em *Relações estéticas, atividade criadora e imaginação: Sujeitos e (em) experiência* fala sobre a função imaginária como a “Possibilidade permanente de realizar ações criadoras” (PINO, 2006, p.69). Assim, Vigotski em seu livro *Psicologia Pedagógica* elencou três funções da imaginação. A primeira é a sucessiva, que é quando “aprendemos algo novo, como geografia, história, ou qualquer outra ciência, estamos aprendendo algo que não aconteceu diretamente a nós, mas sim como aquisição de experiência de outrem sendo considerada a primeira função do comportamento imaginativo. ” (VIGOTSKI, 2003). Outra função da imaginação é chamada emocional, pois “a fantasia está ligada diretamente as nossas emoções. Por exemplo, para a criança a fantasia abre portas para todos seus desejos que adquiriram na vida, por isso na mentira elas encontram uma fonte inesgotável de vivências, onde desejam que seja real cada desejo seu. ” (VIGOTSKI, 2003) E a terceira função é chamada de educativa, pois “é através dos jogos de imitação, que a fantasia entra em ação e a criança reelabora novas formas de ver o mundo, de se exercitar e desenvolver-se para o futuro. ” (VIGOTSKI, 2003)

Vigotski atenta ao fato de que apesar de haver todo um movimento em torno da imaginação, a criança deve ser educada com máximo respeito ao real, não significa limitá-la somente ao que está ao seu redor, mas sim demonstrar os limites do que é real do não real. Vigotski em *Psicologia Pedagógica* enfatiza que,

[...]a luta pela realidade não deve implicar a destruição da fantasia, mas apenas a exigência de que a fantasia seja colocada em seu devido lugar, dentro dos limites de suas próprias funções, e que o comportamento imaginativo esteja rigorosamente condicionado e determinado. (VIGOTSKI, 2003, p. 157)

Percebe-se a dependência do imaginário ao mundo real, sem o mundo real o imaginário não pode constituir-se, dissociar e associar, criar novas possibilidades. Nesse sentido Pino em *Relações estéticas, atividade criadora e imaginação: Sujeitos e (em) experiência* diz que “[...] o imaginário precisa do real, pois este é a principal fonte do que constitui sua matéria-prima, as imagens. De outro lado, o imaginário precisa do simbólico não só para manifestar-se, mas também para existir, para passar do estado virtual para o estado do real humano. ” (PINO, 2006, p.72).

Vygotsky buscava através da arte uma nova ressignificação, a partir de um olhar da psicologia, compreender a arte como um processo de formação e desenvolvimento do ser humano, fazendo ligação com o uso dos signos presente no social do ser. Por isso pode-se entender a arte como um processo que está em constante desenvolvimento no sujeito, desde que o indivíduo nasce, vai compreendendo significados e atribuindo-lhe sentido.

É nesse processo de significação e ressignificação, do processo de humanização que Caram em *Arte e Educação Estética na obra de L.S. Vigotski: Um estudo teórico em diálogo com autores contemporâneos* afirma que Vigotski ao se referir do termo catarse, no sentido de ser algo diretamente ligado a arte pois, “vai tratar do desenvolvimento de funções psicológicas superiores da forma que a arte não irá compreender somente utilidades técnicas, mas sim de humanização, de transformação, de reflexão da realidade.” (CARAM, 2018 p.57). É através da arte que se obtém a socialização dos sentimentos, afirma Duarte em *Arte e formação humana em Lukács e Vigotski* que “No campo da psicologia, Vigotski analisou a arte como uma técnica criada para dar existência social objetiva aos sentimentos, possibilitando que os indivíduos se relacionem com esses sentimentos como um objeto, como algo externo que se interioriza por meio da catarse. ” (DUARTE, 2008 p.1) como também afirma Caram, em sua tese *Arte na Educação Infantil e o Desenvolvimento das Funções Psíquicas Superiores*:

[...]A arte é o social em nosso interior verifica-se, em verdade, que há transformação intersicológica (social), ou seja, o ser humano se apropria do social, do exterior e pela mediação humana, num processo dialético ele internaliza essa produção social, desenvolvendo uma transformação intrapsicológica. (CARAM, 2015, p.53)

A partir de tudo isso, nos remetemos a nossa pergunta inicial: A partir de que momento a criança analisa o mundo ao seu redor, o interpreta, expressa e cria? O fazer artístico e criatório é algo que acompanha a criança durante toda sua infância, seja ela em seu ambiente domiciliar ou escolar, assim utiliza deste para também ir compreendendo o mundo

ao seu redor, fazendo constante reflexão, interpretação, memorização, invenção e reinvenção. O ato de transformar algo vivenciado em uma criação sua, faz com que a criança antes de tudo reflita, imagine para depois criar. Desde os primeiros rabiscos, aos traços pensados com mais precisão, tudo faz parte de um processo de constante desenvolvimento e compreensão do mundo.

Percebemos desde cedo, que a atividade artística e criatória que acompanha a infância é o desenho. Vigotski em *Formação Social da Mente* quando escreve que “K. Buhler notou, corretamente, que o desenho começa quando a linguagem falada já alcançou grande progresso e já se tornou habitual na criança. ” (VIGOTSKI apud BUHLER, 1991, p. 72). Este desenho por mais abstrato que seja, é carregado de significações. Apesar da criança desde muito cedo expressar-se através do desenho, ela entende que este nada mais é do que um novo objeto por ela criado, não uma representação simbólica de algo, Vigotski afirma isso em *Formação Social da Mente* enfatiza que:

Embora esse processo de reconhecimento do que está desenhado já seja encontrado cedo na infância, ele ainda não equivale à descoberta da função simbólica como, aliás, as observações têm demonstrado. Nesse estágio inicial, mesmo sendo a criança capaz de perceber a similaridade no desenho, ela o encara como um objeto em si mesmo, similar a ou do mesmo tipo de um objeto, e não como sua representação ou símbolo. [...]. Quando se mostrou para uma menina um desenho da sua boneca e ela exclamou: “Uma boneca igualzinha à, minha! ”, é possível que ela tivesse em mente, ao ver o desenho, um outro objeto igual ao dela [...] Tudo nos faz crer que, para a menina, o desenho não era uma representação de sua boneca, mas, sim, uma outra boneca igual à dela. (VIGOTSKI, 1991, P. 72-73)

Por isso, a compreensão do desenho infantil por parte dos adultos, muitas vezes torna-se confusa e por vezes abstrata, porém não significa que este não tenha seu valor, muito pelo contrário, caracteriza-se como uma etapa cheia de valores e significados. Vigotski (2009) em *Imaginação e a arte na infância* explica as etapas do desenho infantil o que contribui para compreendermos melhor como ocorre esse processo criatório pela criança. A primeira fase é marcada basicamente por traços, a criança vai destacar em seus desenhos aquilo que considera central, os mais importantes, como um homem somente com cabeça, pernas e braços, faltando a parte do tronco. Isso não significa que seja incapaz de ver as coisas como realmente são, mas sim por definir critérios de relevância para aquilo que estão criando. Já na segunda fase começam a aparecer mais elementos, onde a criança faz a tentativa de chegar mais próximo da realidade, mesmo que por muitas vezes sobreponham roupas e acessórios. Na terceira fase, já consegue representar um desenho mais fiel a realidade, apesar de desproporções ou falta de movimento. E finalmente a quarta fase, ao qual a criança consegue representar uma imagem

plástica, lembrando e considerando de todos os fatores para a representação na forma de desenho. Este é o nível mais elevado do desenvolvimento do desenho infantil, que poucas crianças alcançam. (VIGOTSKI, 2009).

Nas primeiras expressões artísticas, as crianças ainda desenham a partir do que lembram, por isso, desenham sem decidir previamente o que gostaria de desenhar, simplesmente desenham, e após finalizado, analisam suas produções. Assim afirma Vigotski em *Formação Social da Mente*:

Inicialmente a criança desenha de memória. Se pedirmos para ela desenhar sua mãe, que está sentada diante dela, ou algum outro objeto que esteja perto dela, a criança desenhará sem sequer olhar para o original; ou seja, as crianças não desenham o que veem, mas sim o que conhecem. Com muita frequência, os desenhos infantis não só não têm nada a ver com a percepção real do objeto como, muitas vezes, contradizem essa percepção. (VIGOTSKI, 1991, P. 72)

Como também existe uma particularidade de fato interessante no desenho infantil, que é a forma de expressão por parte da criança. Ao expressar-se a criança se entrega num jogo de busca por aquilo que deseja pôr no papel, como a demonstração dos movimentos de uma cena, ou de um personagem, ao qual aparece com vários rabiscos. Vigotski em *Formação Social da Mente* explica este processo:

Uma criança que tem de desenhar o ato de correr começa por demonstrar o movimento com os dedos, encarando os traços e pontos resultantes no papel como uma representação do correr. Quando ela tem de desenhar o ato de pular, sua mão começa por fazer os movimentos indicativos do pular; o que acaba aparecendo no papel, no entanto, é a mesma coisa: traços e pontos. Em geral tendemos a ver os primeiros rabiscos e desenhos das crianças mais como gestos do que como desenhos no verdadeiro sentido da palavra. (VIGOTSKI, 1991, p. 69)

A nosso ver, as reflexões até aqui destacadas, auxiliam sobremaneira a compreender a importância da arte como espaço-tempo de desenvolvimento humano, de desenvolvimento de funções tipicamente humanas como a imaginação e a criação, para além dos aspectos mais específicos em termos cognitivos, fundamento para o desenvolvimento do espírito ético e estético para o que o ato educativo escolar corrobora. O papel da educação escolar no desenvolvimento dessas questões, constitui a próxima etapa deste estudo.

3. ARTE, IMAGINAÇÃO E CRIAÇÃO NA EDUCAÇÃO ESCOLAR DA INFÂNCIA

A educação tem caráter social, é através do ambiente em que o sujeito cresce e se desenvolve que formará suas próprias experiências, por isso a experiência social é a principal

base do trabalho educativo. Assumpção e Duarte(2008) afirmam em *Da Arte em Lukács e Vigotski à natureza do trabalho educativo na pedagogia histórico-crítica*, que:

A pedagogia histórico-crítica situa a educação como um tipo específico de prática social que pode vir a contribuir com o processo de revolução social, uma vez que promove a transformação subjetiva dos indivíduos. Tal formação caracteriza-se, sobretudo, por um movimento no qual o indivíduo passa de uma concepção de mundo baseada no senso comum à ampliação da autoconsciência do gênero humano a partir da apropriação das objetivações mais elaboradas já produzidas pela humanidade. (ASSUMPCÃO, DUARTE, 2008, p.8)

A partir do momento que o indivíduo começa a fazer parte do mundo escolar e adentra no mundo dos conhecimentos científicos sistematizados, inicia um processo de reelaboração dos conhecimentos a partir daquilo que já conhece juntamente com o novo, internalizando os novos conteúdos aprendidos. Então a escola entra com um papel fundamental neste desenvolvimento, enquanto organizadora dos conhecimentos construídos ao longo dos anos pela sociedade. Segundo Assumpção em *As Relações Entre Arte e Vida em Lukács e Vigotski*, para “a pedagogia histórico-crítica entende como fundamental o papel da escola e do professor na transmissão e apropriação do conhecimento historicamente acumulado pela humanidade ao longo da história” (ASSUMPCÃO, 2014, p. 42)

Vigotski em *Psicologia Pedagógica* traz acerca do papel do professor como sendo de extrema importância, “ele será mediador do desenvolvimento de funções superiores pensamento, um mediador da humanidade no outro, organizador do meio social educativo, aquele que dará a direção do próprio movimento educacional feito pelo aluno, ou seja, o aprendizado será determinado pela própria experiência do aluno, que é determinada pelo ambiente, ao qual é mediado e organizado pelo professor. ” (VIGOTSKI, 2003). Lembrando, que o aluno neste ambiente não é mero ser passivo de adaptação, mas sim um sujeito que olha além do meio, que intervém neste e que também o modifica e é modificado por ele. Desta maneira afirma Caram em *Arte na Educação Infantil e o Desenvolvimento das Funções Psíquicas Superiores* que “quando o docente chega a mediar um excelente processo de ensino e de aprendizagem, fará com que cada criança possa se apropriar a riqueza e da variedade material e espiritual que foram produzidas pelo ser humano por meio da sua força imaginativa”. (CARAM, 2015, p.64)

Para Vigotski em *Psicologia Pedagógica* (2003) quando entendemos o meio social como conjunto das relações humanas, compreendemos a excepcional plasticidade de combinar elementos e criar novas formas no ambiente social. Por isso, o papel do professor se dá no sentido de explorar todas as formas de modificação: modelar, cortar, dividir, etc,

organizando de forma científica, os conhecimentos que são concretos e vitais, correspondendo sempre ao um período econômico, político e social. Para Vigotski, o papel da escola será de:

[...] ampliar ao máximo os limites da experiência pessoal restrita, para organizar o contato da psique da criança com as esferas mais amplas possíveis da experiência social já acumulada, para inserir a criança na rede da vida com a maior amplitude possível. Esses caminhos gerais também determinam os caminhos da educação estética. [...] quando se fala de educação estética dentro do sistema da formação geral, sempre se deve levar em conta, sobretudo, essa incorporação da criança à experiência estética da humanidade. A tarefa e o objetivo fundamentais são aproximar a criança da arte e, através dela, incorporar a psique da criança ao trabalho mundial que a humanidade realizou no decorrer de milênios, sublimando seu psiquismo na arte. (VIGOTSKI, 2003, p.238)

Assim, arte, imaginação e criação são fatores de extrema importância para o desenvolvimento do ser humano. A educação estética será a porta que se abrirá para pensar nas maiores possibilidades criativas que há no ser humano, dispor de métodos e materiais educativos para desenvolver tais habilidades, reconhecendo que todo sujeito é capaz de criar. As mais variadas técnicas de pintura, escultura, musicalização, danças, costumes, tradições, entre outras possibilidades artísticas, vão fazer com que o sujeito em seu interior, aprenda que não há barreiras para a criação, entendendo de fato o ser humano como produtor de tudo que está ao nosso redor ao longo dos anos. Como afirma Assumpção em seu artigo *As Relações Entre Arte e Vida em Lukács e Vigotski*:

A pedagogia histórico-crítica considera como elemento primordial na educação o papel desempenhado pelo professor e a sua função de transmitir, a cada aluno singular, a cultura produzida pelo gênero humano no decorrer da história. [...] esse processo de reconhecimento da cultura como produção imanente à atividade humana desencadeia o desenvolvimento da consciência e a humanização dos indivíduos. (ASSUMPÇÃO, 2014, p.42-43)

Discorrer sobre humanização, nos remete a compreensão do termo “Catarse”, segundo Pozza em *Arte e Educação Estética na Obra de L.S. Vigotski: Um estudo teórico em diálogo com autores contemporâneos*, o termo é trazido por Vigotsky “como a transformação dos sentimentos no indivíduo pela arte, esta por sua vez só é possível pela arte ser o social em nós, produzindo efeito social, uma mudança nos sentimentos. A catarse não pode ser ensinada, mas sim, deve ser estimulada pelo educador para que através da arte o sujeito chegue ao estado de catarse”. (POZZA, 2018, p. 59).

Pensar no ensino da arte na idade escolar é de fato pensar em momentos de estimulação, da reflexão sobre sua realidade e emoções, sobre o que está em seu inconsciente,

compreendendo a criança como um produtor de cultura. Caram em *Arte na Educação Infantil e o Desenvolvimento das Funções Psíquicas Superiores* defende que, “Arte é, portanto, o mecanismo pelo qual o ser humano cria e recria a matéria, e dialeticamente, quando cria e recria, ele mesmo se humaniza, ou seja, acontece o processo de desenvolvimento humano.” (CARAM, 2015, p.56)

Também é através da arte que a criança reflete sobre o mundo, sobre sua realidade, sobre as ideologias, culturas, vivências e as expressa, sendo uma interessante ferramenta pedagógica, não somente de avaliação, mas de ampliação de mundo dos indivíduos, como expressa Assumpção e Duarte em seus *estudos Da Arte em Lukács e Vigotski à Natureza do Trabalho Educativo na Pedagogia Histórico-Crítica* observa-se que:

[...]no âmbito estético a função da arte é ampliar a consciência do indivíduo, modificando qualitativamente a sua subjetividade, também a função da educação reside nesse ponto, ou seja, ela não deve se reduzir a aspectos pragmáticos e imediatos. Os conhecimentos artísticos, filosóficos e científicos ensinados na escola não têm uma finalidade prática direta, contudo, precisam ser organizados para transformar a concepção de mundo dos sujeitos. (ASSUMPCÃO, DUARTE, ANO [2014? p.8)

Vigotski teoriza que no processo de imaginação e criação, usamos de toda a experiência acumulada socialmente e internalizada por nós, através de nossa capacidade de plasticidade cerebral para imaginar coisas novas, utilizando da dissociação e associação dos elementos e para criar algo, assim, a utilização da memória se faz de extrema necessidade. O autor em seu livro *Psicologia Pedagógica* aborda a cerca dos tipos de memórias que possuímos, e que podem ser desenvolvidas através dos processos pedagógicos educacionais: A memória mecânica ou lógica, que é aquela formada através das repetições, por exemplo o uso do alfabeto, se pensarmos no alfabeto de trás para frente, certamente teremos dificuldades em lembrá-lo, mas com grande facilidade quando falamos o alfabeto que estamos acostumados desde pequenos a pronunciar. Temos também a memória visual, com essa capacidade, o sujeito tem facilidade no estudo em silêncio, na associação das páginas de um livro, ou somente de visualizar determinado trecho, rapidamente lembra de tudo que estava escrito. Já a memória auditiva, requer que quem estude, escute o que está sendo explicado, relembrando até mesmo a entonação de voz emitida pelo professor. Outro tipo de memória é através dos movimentos, com ajuda das sensações musculares, o sujeito deste tipo, necessitam da escrita ou até mesmo da repetição sem som para estudar, encontramos essa forma de memória quando temos dúvida na ortografia de uma palavra e redigimos para relembrar.” (VIGOTSKI, 2003).

Vigotski (2003) reitera que dificilmente encontraremos um aluno com somente um tipo de memória, mas sim com a combinação de dois ou mais tipos, por isso é importante que o fazer pedagógico seja pautado pensando nas possibilidades em que o aluno irá melhor aprender, explorando todos os tipos de memória, auditiva, visual ou sinestésica, através dos mais diversos recursos.

Nossa memória trabalha melhor com eficiência quando é atraída pelo interesse, então se o professor deseja que algo seja bem assimilado, interpretado e expressado por seus alunos, deve pensar em estratégias para que o conteúdo seja interessante. Vigotski em *Psicologia Pedagógica* observa que “Uma pessoa pouco capaz de resolver problemas científicos na escola, incapaz de aprender qualquer regra, pode ser sumamente talentosa e capaz na esfera de atividade que desperta seu interesse” (VIGOTSKI, 2003, p. 148).

Vigotski afirma em *Formação Social da Mente* que “[...] do ponto de vista do desenvolvimento psicológico, a memória, mais do que o pensamento abstrato, é característica definitiva dos primeiros estágios do desenvolvimento cognitivo. [...] pesquisas sobre a memória nessa idade mostram que no final da infância as relações interfuncionais envolvendo a memória invertem sua direção. Para as crianças, pensar significa lembrar; no entanto, para o adolescente, lembrar significa pensar.” (VIGOTSKI, 1991, p.34)

Para explicar como se efetiva a aprendizagem e seu papel no desenvolvimento do indivíduo, Vigotski cria o conceito de ZDP, em termos genéricos, esse conceito refere-se ao que está próximo de ser apreendido como zona de intervenção pedagógica. Para reconhecer a zona de desenvolvimento proximal, no entanto, é necessário observar que: 1. Há um campo de ação que explicita o que o indivíduo é capaz de realizar sozinho, sem a ajuda de outra pessoa, autonomamente, a que Vigotski chama de Zona de Desenvolvimento Real; 2. O olhar atento a essa capacidade de realizar coisas autonomamente identificará as potencialidades do indivíduo, isto é, sua zona de desenvolvimento potencial, a zona de desenvolvimento real sinaliza potencialidades, conceitos, ações, conteúdos que o indivíduo ainda não domina, mas que virá a dominar com a mediação do outro. Sendo esse outro, o colega, a professora, o conteúdo escolar, etc. A distância entre o real e o potencial, é o que está próximo, ou seja, é o nível de desenvolvimento proximal. Nas palavras do autor, em *Formação Social da Mente*:

O primeiro nível pode ser chamado de nível de desenvolvimento real, isto é, o nível de desenvolvimento das funções mentais da criança que se estabeleceram como resultado de certos ciclos de desenvolvimentos já completados. [...] (zona de desenvolvimento proximal) [...] é a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a

orientação de um adulto ou em colaboração de companheiros mais capazes. (VIGOTSKI 1991, P. 54(grifo nosso))

A educação escolar atua na zona de desenvolvimento proximal. Assim, as relações de conhecimentos construídas na escola são distintas das demais, porque essas relações passam a ser intencionais e planejadas. A educação escolar possibilita o contato dos sujeitos com os processos de conhecimentos, fornece instrumentos que contribuam para seu processo de desenvolvimento. O professor, interfere no desenvolvimento proximal dos alunos, contribuindo para o surgimento de processos de elaboração e de desenvolvimento que não ocorreriam espontaneamente. Portanto, elucida a intencionalidade no fazer pedagógico. De acordo com Duarte *em Arte e formação humana em Lukács e Vigotski*,

A atividade educativa requer a mediação do professor na relação entre o aluno e o conhecimento, seja a ciência ou a arte ou a filosofia. O ensino é indispensável em se tratando da relação escolar entre o indivíduo e o conhecimento. O professor age deliberadamente visando alcançar objetivos previamente estabelecidos em termos da aquisição de conhecimentos pelos alunos. (DUARTE, ANO 2008, p. 7-8)

Desta maneira, o papel da escola é possibilitar que o sujeito tenha acesso aos mais diversos tipos de conhecimentos, pois segundo Vigotski "O aprendizado adequadamente organizado resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento vários processos de desenvolvimento que, de outra forma, seriam impossíveis de acontecer." (VIGOTSKI, 1987, p. 101), como também utilizar das mais diversas formas de linguagens, incluindo a linguagem artística.

Ao chegar na escola, a criança deve ser introduzida a todo esse universo que compreende o mundo, fazendo com que reflita sobre sua realidade, entenda-se como produtora de cultura, ser ativo na construção de sua história, mas que também adquira conhecimento sobre o restante do mundo, fazendo comparações e ampliando seu repertório cultural. Desta forma, Vigotski ressalta que, "A verdadeira educação consiste em despertar na criança aquilo que ela tem já em si, ajudá-la a expandi-lo e orientar o seu desenvolvimento numa determinada direção." (VYGOTSKY, 2009, p. 63)

Vigotski em *Psicologia Pedagógica* escreve que,

O caráter da educação humana é totalmente determinado pelo meio social no qual o ser humano cresce e se desenvolve. Entretanto, nem sempre esse ambiente influencia o ser humano de forma direta e imediata; essa influência também é indireta, através de sua ideologia. Chamaremos de ideologia a todos os estímulos sociais que foram estabelecidos no processo de desenvolvimento histórico e que se cristalizaram por meio de normas jurídicas, regras morais, gostos artísticos, etc. Essas normas estão

totalmente impregnadas pela estrutura de classe da sociedade que as gerou e servem para a organização de classe da produção. (VIGOTSKI, 2003, p. 201)

O ser humano, então, nunca poderá ser considerada um ser finalizado, mas sim que está em constante desenvolvimento sob influência do meio e da sua própria evolução, ela vai se desenvolvendo a partir de pequenas mudanças, que não acontecem de forma linear, mas sim a saltos e decadências.

O conceito de “desenvolvimento das funções psíquicas superiores” é imprescindível para a compreensão de como a criança compreende o mundo e o representa através das atividades artísticas, pois segundo o autor,

Este conceito envolve, em primeiro lugar, de processos de domínio dos meios externos do desenvolvimento cultural e do pensamento: a linguagem, a escrita, o cálculo, o desenho; e, em segundo, dos processos de desenvolvimento das funções psíquicas superiores especiais, não limitadas nem determinadas com exatidão, que na psicologia tradicional denominam-se atenção voluntária, memória lógica, formação de conceitos, etc. Tanto uns como outros, tomados em conjunto, formam o que qualificamos convencionalmente como processos de desenvolvimento das formas superiores de conduta da criança. (VYGOTSKI, 2000, p. 29).

Sobre o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, Caram em *Arte na Educação Infantil e o Desenvolvimento das Funções Psíquicas Superiores* escreve que:

O desenvolvimento das Funções Psicológicas Superiores é um processo dialético entre o desenvolvimento biológico e a produção cultural desenvolvida pelo ser humano. Se a professora da Educação Infantil não realiza um trabalho com as crianças que promova a resolução cultural na área da Arte, ou seja, melhor forma de pensamento, de conduta, de memória, de percepção, de imaginação, etc.. possivelmente não contribuirá em grande escala para o desenvolvimento do ser humano. (CARAM, 2015, p.98-99).

Vigotski constantemente cita em seus escritos sobre o termo *Catarse*, o qual relaciona diretamente com o processo de humanização do ser, sendo indispensável para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores. De tal forma, o ser humano é capaz de compreender o que está ao seu exterior, internalizar, utilizar disso como um processo de humanização e assim criar correspondendo suas necessidades. Ou seja, enquanto o homem modifica seu meio como uma constante busca por melhorias de vida, o meio também o modifica, nesse processo, ocorre a humanização.

Ao compreender a Teoria Histórico-Cultural, nos entendemos como seres historicamente sociais, ao qual desde o início da civilização foram criando instrumentos (ferramentas) e signos (linguagem, símbolos, figuras) modificando e aperfeiçoando o meio em

que vivem. Se hoje nossa sociedade é organizada desta forma, foi devido a toda a produção cultural que foi se criando ao longo dos anos da humanidade, desde uma simples ferramenta de corte, até a criação de supercomputadores, foi em decorrência a todo o processo de criação, de imaginação e modificação do meio para facilitar a vida de todos, podemos dizer que a arte enquanto produção, modifica o comportamento humano.

UMA ESCOLA CRIADORA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Durante o desenvolvimento deste trabalho, foi possível conhecer e compreender como ocorrem os processos imaginários e criativos enquanto processos superiores de pensamento, buscando refletir em face da complexidade de tais atividades mentais, a importância do ensino escolar que instigue, trabalhe e desenvolva processos pedagógicos que promovam metodologias essenciais para a imaginação e criação, como atenção voluntária e memória lógica, que busque o desenvolvimento do imaginário criativo, a fim de instigar desde os anos iniciais de escolarização sujeitos capazes de criar, e não só, mas de compreender que a capacidade de criação não é algo inato, mas sim que pode ser constantemente desenvolvido desde os primeiros anos de vida, dependendo dos estímulos e influências sociais e do meio em que o sujeito se encontra.

Para o problema de pesquisa propulsor deste trabalho, no sentido de responder ao problema dessa pesquisa, de que a criança vai atribuindo sentido, compreendendo o mundo e o internalizando desde que nasce e tem contato com o meio sociocultural que vive, mas que começa a realmente expressar através da arte (desenho) quando a fala já se tornou desenvolvida, conforme Vigotski(1991) explicita em *Formação Social da Mente* na fala de K. Buhler, a criança ainda a vê sem o sentido de simbolismo, mas sim como um outro objeto do mundo. Vê-se a imaginação e a criação como algo que vai desenvolvendo à medida que o sujeito vai tendo bagagem vivências e experiências, essa será a base do trabalho imaginativo, juntamente com a capacidade tipicamente humana de plasticidade cerebral, é que nós humanos conseguimos imaginar e modificar a matéria, criando aquilo que necessitamos, sendo seres em constante evolução.

Alguns conceitos como dissociação, associação, as quatro atividades fundamentais para a criação, a memória, a atenção voluntária explicitadas por Vigotski se fazem imprescindíveis para compreender o ato imaginário e criador como funções tipicamente humanas e psicologicamente superiores. Pois Vigotski deixa claro que tais processos ocorrem somente em humanos, somos capazes de imaginar antes de criar algo materializado

(plasticidade cerebral), não nos adaptamos, mas modificamos a natureza em prol das nossas necessidades, assim fazendo modificações e melhorias desde o início da história da humanidade.

Utilizamos neste trabalho a arte enquanto ferramenta da imaginação e criação, pois é através dela que os educadores e instituições de ensino podem pensar em metodologias ativas para o desenvolvimento do criar, do expressar, do modificar e pensar em novos meios para ajudar a sociedade a avançar, pois tudo que há de criação no mundo, partiu de um sujeito que possuía uma necessidade e percebeu sua capacidade de modificar e criar. Por isso “A arte na Educação Infantil deve, portanto, ser um espaço mediado intencionalmente pelos docentes e que cause uma aproximação das crianças com a produção cultural da humanidade”. (CARAM, 2015, p.151), reconhecendo assim, a cultura local, mas também ampliando horizontes para crianças que ainda estão em processo de ampliação do seu repertório imaginativo. Vigotski explicita que quando mais repertório de imagens, experiências e vivências, maior será nossa capacidade imaginativa, considero a importância de um docente que proponha um ensino voltado para tal, assim estaremos cultivando seres que possivelmente criem ferramentas e meios para melhorar a sociedade em que vivemos.

Todos os autores estudados para este trabalho reagem positivamente a fala das contribuições de Vigotski sobre a importância da Teoria Histórico Cultural, como também a importância do uso da arte enquanto ferramenta da imaginação e criação, é através dela que podemos instigar nossos alunos a chegar no estado de *Catarse*, que seria a modificação psicológica do ser através da arte, processo de humanização, de desenvolvimento de sentimentos.

Porém, se todos os autores deste trabalho discorrem positivamente a um ensino que instigue os processos imaginários e criativos, porque ainda vemos o uso da arte nas instituições como algo fragmentado, desarticulado dos outros conhecimentos, com meras repetições de atividades previamente prontas? Será que os docentes têm conhecimento de tamanha importância do seu fazer pedagógico que instigue a imaginação e criação? Os cursos de Pedagogia estão dando a devida importância para o tema? Durante o percurso formativo acadêmico, considero a experiência do curso de Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul –UFFS/campus Chapecó, percebo que somente um componente curricular no ensino de arte se faz insuficiente para os docentes chegarem a um estado de compreensão da importância de métodos que instiguem a imaginação e criação nos anos iniciais de escolarização, repetindo novamente antigos métodos pouco instigantes e com intencionalidade a esta área tão importante para o desenvolvimento humano.

Concluo este trabalho com muitos questionamentos, creio que ainda há muito para aprender e pesquisar sobre os processos Imaginários e Criativos na Perspectiva Histórico-Cultural de Vigotski, que busque contribuir para a tomada de consciência de outros docentes sobre a temática como também, buscar refletir as práticas pedagógicas em sala de aula e pesquisar metodologias ativas para o ensino da arte na Pedagogia, que busque o constante desenvolvimento dos sujeitos.

REFERÊNCIAS

- ASSUMPCÃO, Mariana de Cássia. As relações entre arte e vida em lukács e vigotski. Pesquisa de mestrado, Universidade Estadual Paulista (UNESP-Araraquara), 2014.
- ASSUMPCÃO, Mariana, DUARTE, Newton. Da arte em Lukács e Vigotski à natureza do trabalho educativo na pedagogia histórico-crítica. Campinas: Autores Associados, 2008.
- CARAM, Adriana Maria. **Arte na educação infantil e o desenvolvimento das funções psíquicas superiores**. Tese (doutorado em educação) - Programa de Pós-Graduação, 2015
- CARVALHO, Rachel, SILVA Michelly Dias da, SOUZA Marcela Tavares de. **Revisão integrativa: o que é e como fazer**. Einstein. São Paulo, 2010.
- DUARTE, Newton. Arte e Formação Humana em Lukács e Vigotski. 2008.
- PINO, Angel. Relações estéticas, atividade criadora e imaginação: Sujeitos e (em) experiência. **Imaginário e Produção Imaginária: Reflexões em educação**. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2006.
- POZZA, Livia Palhares. **Arte e Educação Estética na Obra De L. S. Vigotski: Um Estudo Teórico em Diálogo com Autores Contemporâneos**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas. 2018.
- VIGOTSKI, L. S. **A imaginação e a arte na infância**. Lisboa, Relógio D'Água Editores, 2009.
- VIGOTSKI, L. S. Psicologia pedagógica. Porto Alegre: Artmed, 2003. (Trabalho original)
- VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- ZANELLA, Andrea. Relações estéticas, atividade criadora e imaginação: Sujeitos e (em) experiência. **“Pode até ser flor se flor parece a quem o diga”: reflexões sobre Educação Estética e o processo de constituição do sujeito**. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2006.